

**“O cravo brigou com a rosa”: a subjugação feminina e a elaboração do perdão
perpetuados a partir das cantigas de roda**

Fadja Mariana Fróes Rodrigues
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: fadjafroes.ffv.adv@gmail.com

Tânia Rocha Andrade Cunha
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: tania.rochandrade@gmail.com

1481

Palavras-chave: Violência contra a mulher. Patriarcado. Tradição oral. Cantigas de roda. Memória coletiva

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher é um problema que atinge toda a sociedade que merece nossa atenção. Tal situação, decorrente de uma formação social cujas bases encontra-se fincada no sistema patriarcal, que insiste em manter seus tentáculos entre nós, acaba por ser transmitida para novas gerações por meio de discursos, símbolos, representações, práticas e tradições que fomentam e naturalizam a violência de gênero contra a mulher, que é vista, dentro desse contexto sociocultural, como um ser desigual, inferior e que deve ser submissa e subjugada pelo homem.

Tal desigualdade imposta socialmente às mulheres é legitimada por estruturas (sociais, políticas e religiosas) cujo discurso construído, defendido e imposto é o de garantir a dominação da mulher pelo homem. Para isso, lança-se mão dos mais diversos recursos, inclusive, o da tradição oral das cantigas de roda ou cirandas que permeiam o universo infantil, a fim de que a submissão feminina seja introjetada e normalizada desde a mais tenra idade. Tudo isso acaba sendo herdado por meio de uma memória coletiva, mantida viva pelos grupos sociais e que conecta passado, presente e futuro.

Essa memória permite que hábitos, conhecimentos e representações sociais atravessem a temporalidade e chegue até os dias atuais, utilizando-se sobretudo da linguagem, das tradições orais, transpondo as barreiras do tempo e permitindo que tais

Realização:



Apoio:



elementos nos alcancem. Nos dizeres de Halbwachs (2004, p. 89) “a linguagem consiste, pois, em uma atitude do espírito, que só é concebida no interior de uma sociedade, fictícia ou real: é a função coletiva por excelência do pensamento”. Foram a linguagem e a tradição oral, nas suas mais variadas formas de manifestação, que fizeram com que comportamentos e práticas sociais perpassasse o tempo e chegasse na atualidade, ainda que ressignificadas.

Neste sentido, nesta breve exposição, analisaremos a letra da cantiga de roda “*O Cravo brigou com a Rosa*”, de autoria de Heitor Villa Lobos (1887 – 1959), composta no ano de 1926 e que faz parte das 16 peças de *Cirandas* compostas pelo compositor brasileiro, mais precisamente da *Ciranda nº 4*, e como esta, mesmo após 98 anos de sua composição original, vez que continua fazendo parte da tradição oral brasileira, possibilita internalizar nas crianças a normalização da violência de gênero e a consequente elaboração do perdão por parte da mulher.

O presente resumo trata-se de uma reflexão a partir dos nossos estudos realizados nos Cursos de Mestrado e de Doutorado (em curso) sobre a violência contra a mulher, especialmente a praticada no âmbito das relações afetivas. Para tanto, o foco central é compreender como a tradição oral, elemento fundamental da cultura brasileira, que transmite conhecimentos, histórias e valores de geração em geração, também possibilita a disseminação e perpetuação de práticas violentas contra a mulher e o perdão por parte desta, especialmente pela cantiga de roda em análise.

METODOLOGIA

Para abordar a temática à qual nos propomos, utilizamos da abordagem qualitativa com uma proposta metodológica de pesquisa de natureza básica e exploratória quanto aos objetivos. A pesquisa foi executada a partir de levantamento bibliográfico sobre a temática, envolvendo construções teóricas acerca das categorias trabalhadas e posteriormente analisadas de forma exploratória e crítica.

A partir da análise bibliográfica, promovemos considerações acerca dos objetivos pretendidos, possibilitando a reflexão sobre o tema abordado e ampliando as discussões a respeito da tradição oral representada nas cantigas de roda que promovem a perpetuação

Realização:



Apoio:



da violência contra a mulher, bem como a imposição e naturalização do perdão por parte destas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A cantiga de roda “*O Cravo brigou com a Rosa*”, composta em 1926 por Villa Lobos, atravessa gerações e faz parte das canções populares que estão presentes no repertório infantil. Apesar da letra simples, traz em si uma gama complexa de significados e simbolismos que podem ser interpretados de diversas formas, constituindo um verdadeiro desafio interpretativo.

À primeira vista, a partir de uma interpretação superficial e simplória, podemos inferir que a narrativa da música descreve uma briga entre duas flores, o cravo e a rosa, que ocorre debaixo de uma sacada, lugar que historicamente é associado a encontros românticos e serenatas, a exemplo do que vemos em *Romeu & Julieta*, de Shakespeare (1998), publicado originalmente em 1597, na famosa “cena do balcão”, em que o jovem casal apaixonado faz juras de amor eterno. Na briga narrada na cantiga de roda, o cravo sai ferido e a rosa despedaçada, evidenciando que ambos sofreram com o desentendimento.

No entanto, em uma leitura mais atenta, podemos inferir que essa briga narrada na ciranda se trata de uma metáfora para os desentendimentos que ocorrem nos relacionamentos amorosos. Na primeira parte da cantiga, o compositor narra: O cravo brigou com a rosa/ Debaixo de uma sacada/ O cravo saiu ferido/ E a rosa despedaçada. O que vemos não é apenas uma simples discussão conjugal, mas um enfrentamento que envolve violência física e demonstra existir uma dependência afetiva entre as partes envolvidas.

A segunda parte da ciranda a qual narra: O cravo ficou doente/ E a rosa foi visitar/ O cravo teve um desmaio/ E a rosa pôs-se a chorar, mostra a rosa visitando o cravo doente, numa clara demonstração de cuidado, preocupação e submissão àquele por quem nutre sentimento de afeto, mesmo após um episódio de violência. O desmaio do cravo e o choro da rosa simbolizam que esta se sente culpada pela situação na qual o cravo se encontra: doente e desmaiado, o que nos leva a inferir que a rosa se coloca na posição de responsável

Realização:



Apoio:



pelo desentendimento havido entre o casal e que o perdoa, mesmo após ter saído despedaçada.

Trata-se de uma letra simples, que permite que seja facilmente memorizada e cantada por crianças. Como afirmam Feital e Côrtes (2009), essas cantigas/cirandas carregam uma melodia de ritmo limpo e rápido, favorecendo uma imediata assimilação, estando incluídas nas tradições orais em inúmeras culturas. No entanto, a cantiga em análise tem um cunho altamente patriarcal e machista, o qual é introjetado desde cedo nos infantes, promovendo uma normalização com relação à violência praticada contra as mulheres.

É a tradição oral que permite que mensagens sociais, políticas e culturais sejam passadas de geração em geração. Essa mesma tradição também permite que práticas de violência afetem não só o próprio indivíduo, mas também o universo que o rodeia em todas as suas manifestações e formas” (Weigsding, 2012, p. 5). Além da disseminação e naturalização das práticas de violência nas relações afetivas, a cantiga analisada ainda introjeta a normalização da culpa da mulher pela violência sofrida e da obrigação desta perdoar o seu agressor. Como afirma Cunha (2007), é nesse estado de extrema fragilidade e culpabilização que grande parte das mulheres ficam após os eventos de brigas e violência sofridas, vez que são dependentes, financeira e emocionalmente dos parceiros, o que as fazem perdoar, ou seja, promover aquilo que Ricoeur (2008) denominou como “cura da memória”, “um acontecimento que liberta a memória, que traz alívio para seguir em direção às perspectivas de futuro” (Sousa, 2020, p. 176), acreditando em uma mudança do parceiro e do relacionamento e, assim, poder com ele continuar a manter uma vida em comum, mantendo-se o ciclo de violência a que é submetida.

CONCLUSÕES

Da análise realizada, depreende-se que a cantiga de roda “*O Cravo brigou com a Rosa*”, elemento de expressão cultural que está intrinsecamente ligada à tradição oral, introjeta a normalização da violência de gênero contra a mulher, a culpabilização destas pela violência sofrida e a elaboração do perdão do agressor, buscando a manutenção de relacionamentos amorosos baseados na desigualdade entre os gêneros, possuindo deste modo, um conteúdo machista e pautado nos valores patriarcais.

Realização:



Apoio:



Tais situações acabam sendo passadas de geração em geração tendo em vista a facilidade com que a referida ciranda é assimilada por crianças e jovens. Não se nega aqui a importância que a tradição oral tem, especialmente a que tem a música como forma de expressão cultural, em transmitir valores, ensinamentos, conhecimentos e preservação da memória de um povo, elementos que são essenciais para que as pessoas se conectem com suas raízes e compreendam melhor sua identidade cultural. No entanto, quando estamos diante de situações que envolvam violência contra as mulheres, essa tradição precisa ser revista, a fim de que não estejamos perpetuando valores patriarcais e machistas, que colocam a mulher em posição de desigualdade e inferioridade em relação aos homens.

1485

REFERÊNCIAS

CUNHA, TÂNIA R. A. O Preço do Silêncio: mulheres ricas também sofrem violência. Vitória da Conquista – Ba, Edições Uesb, 2007.

FEITAL, D. CÔRTEZ, M. Projeto: **Construindo o Futuro da Agricultura Familiar: Reencantando a Infância com cantigas, brincadeiras e diversão**. Viçosa, 2009. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/pda/arquivos/cartilhareencantandoainfnciacomcantigas51.pdf>. Acessado em julho de 2024.

HALBWACHS, M. **Los marcos sociales de la memoria**. Tradução de Manuel A. Baeza y Michel Mujica. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial, 2004.

SHAKESPEARE, W. **Romeu & Julieta**. Tradução de Beatriz Viégas-Farias. Porto Alegre. LP&M. 1998.

WEIGSDING, J. A. **A influência da música no comportamento humano**. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ArqMudi/article/view/25137> Acessado em julho de 2024.

SOUSA, R. de C. B. de. Memória e violência doméstica contra as mulheres: as (im)possibilidades de perdão e justiça. **Tese de Doutorado** do Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2020.

Realização:



Apoio:

